

CIRANDA DO APRENDER: MIGUILIM E OS OUTROS EM SEU PERCURSO DE FORMAÇÃO

CIRCLE OF LEARNING: MIGUILIM AND THE OTHERS IN HIS TRAINING ROUTE

Maria Carolina de Godoy*

Resumo: a proposta deste trabalho é apresentar o estudo da obra “Campo Geral” (1976) de Guimarães Rosa centrado na análise da personagem Miguilim em seu percurso de formação. Há, nesta narrativa, o acompanhamento da consciência do protagonista e o privilégio de se conhecer o crescimento da força e da liberdade interiores da criança em condições adversas. Ao lado da natureza, o contato com o microcosmo familiar do menino prepara-o para a saída do Mutum e para enxergar o mundo. A análise dessa trajetória pretende destacar aproximações com o romance de formação *Emílio* (2004) de Jean-Jacques Rousseau.

Palavras-chave: Personagem; Romance de formação.

Abstract: The purpose of this paper is to present the study of the book "Campo Geral" (1976) by Guimarães Rosa, centered on the analysis of the character Miguilim while in his training path. There is, in this narrative, a monitoring consciousness of the protagonist and the privilege of knowing the growth of strength and inner freedom of the child in adverse conditions. Beside the nature, the contact with the family microcosm of the boy prepares him for exiting the Mutum and watch the world. The analysis of this trajectory intends to highlight some approaches with the formation novel *Emilio* (2004), by Jean-Jacques Rousseau.

Keywords: Character; Formation novel.

Para não correremos atrás de quimeras, não nos esqueçamos do que convém à nossa condição. A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. (ROUSSEAU, 2004, p. 73-74)

* Professora doutora adjunta do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina e pesquisadora associada do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Projeto de pesquisa em desenvolvimento “Literatura afro-brasileira e sua divulgação em rede”. Este trabalho consiste em parte da tese de doutorado defendida na Universidade Estadual Paulista, intitulada “O percurso de formação das personagens infantis em Guimarães Rosa” sob a orientação da Prof. livre-docente Maria Célia de Moraes Leonel.

Considerações iniciais

Miguilim, apesar de cercado de pessoas que o auxiliam a encontrar respostas para suas dúvidas é caminhante solitário. Embora esteja atento ao que acontece à sua volta e às palavras dos adultos, a busca pela compreensão dos fatos e, em última instância, da existência, é solitária. Esse isolamento pode ser motivo para que o narrador opte por acompanhar seu ponto de vista, permitindo a diluição de limites entre ação e percepção (focalização interna) dos acontecimentos no tempo e no espaço. Tal opção é adotada também nos contos "Conversa de bois", "As margens da alegria" e "Os cimos", cuja aproximação com "Campo geral", quanto ao modo de narrar, pode ser feita. A trajetória da criança-aprendiz dessas narrativas, no convívio com os outros, encontra alguns pontos comuns, a saber, a experiência da dor da perda, da culpa, do desejo de vingança, do medo da morte.

"Campo geral" apresenta a personagem Miguilim, mais complexa do que as personagens anteriores de *Sagarana* (1972), que verbaliza suas dúvidas. A aprendizagem faz-se em várias etapas, contando com o auxílio do irmão Dito, que se mostra conhecedor das falácias do mundo adulto. Miguilim volta veterinário em "Buriti", novela de *Noites do Sertão* (1976) trazendo inovações científicas para o espaço do sertão. A inserção no mundo burguês, como aponta um dos pressupostos do gênero do romance de formação, acontece plenamente em "Buriti", que não será privilegiado neste trabalho já que o estudo central é a aproximação entre a trajetória de Miguilim e aspectos do romance de formação.

O menino Miguilim conta histórias que levam à incorporação do saber, isto é, a dor e o conhecimento adquiridos pelas perdas são transmutados em histórias inventadas pelo menino, cujo enredo é constituído de partes de sua vida. Ele demonstra a capacidade de aprender, recriando a realidade, por meio de soluções poéticas que o auxiliam a vivenciar e superar a dor. A personagem vive em contato direto com a natureza, que ora causa temor, ora traz sinais de mudança – como as chuvas e tempestades que antecedem momentos de tensão narrativa.

Momentos de contato com os brinquedos são menos recorrentes em "Campo geral", corroborando a idéia de que, mesmo impossibilitada de possuir brinquedos

sofisticados ou miniaturas imitativas de formas conhecidas, a criatividade infantil sobressai e quaisquer materiais servem ao instante de prazer:

A Chica vinha passando, com a boneca – nem era boneca, era uma mandioquinha enrolada nos trapos, dizia que era filhinha dela, punha até nome, abraçava, beijava, dava de mamar (ROSA, 1976, p. 14).

O Dito, por uma agüinha branca como nem que ele não se importava. Saiu brincando com carrinho-de-boi, com os sabucos. Um sabuco roxo era boi roxo, outros o Dito pedia à Rosa para no fogo tostar, viaravam sendo boizinhos amarelos, pretos, pintados de preto-e-branco. Era o brinquedo mais bonito de todos (ROSA, 1976, p. 38).

Para Rousseau, nos primeiros anos da infância, a imaginação excessiva estimulada pelas fábulas, principal leitura de sua época, incita a visão frustrante da realidade. A preocupação pedagógica do filósofo diz respeito à exígua compreensão da criança quanto ao significado dessas narrativas e considera o período da adolescência o melhor momento para se tomar contato com as histórias. Segundo José Oscar de Almeida Marques (2002, p. 215), que discute a questão "por que Emílio não deve ler fábulas?", Rousseau não pretende antecipar o mundo de disputas e comparações que, inevitavelmente, Emílio conhecerá:

Ele não tem alternativa senão mergulhar, por inteiro e perigosamente, em um mundo de que sua casta inocência o mantivera até então preservado. Ele observará os outros com interesse e apreensão, e passará pela inquietante experiência de se ver observado e avaliado por eles. Seu amor próprio – que nada mais é que a preocupação com a opinião que os outros têm dele -, se desenvolve, e Emílio fica vulnerável a – e irá fatalmente experimentar – um novo tipo de sofrimento, diferente da dor física, da fome e sede e da ansiedade diante dos perigos para sua segurança: um sofrimento causado por palavras e opiniões que lhes indicam que não foi avaliado como desejaria ser, e também um sofrimento causado por suas próprias palavras e atos, resultantes de uma avaliação incorreta dos motivos e objetivos dos outros (MARQUES, 2002, p. 215).

É preciso lembrar-se de que o itinerário pedagógico proposto em *Emílio* nasce no ápice da razão iluminista; criam-se condições ideais para a formação da virtude na sociedade burguesa. Esse é o campo da filosofia, do pensamento lógico-racional.

Miguilim vive antecipadamente a angústia da avaliação do outro e sobre o outro: ora tenta compreendê-lo, ora escapa para seus devaneios, na imaginação, na criação de fábulas particulares, como Brejeirinha, exceto pela angústia; retratos do complexo confronto entre a imaginação infantil e a realidade.

Ao lado da natureza, o contato com o microcosmo familiar do herói de "Campo geral" prepara-o para a saída do Mutum e para enxergar o mundo, reconhecendo o outro pelo sentimento que tem em relação a si próprio na troca de experiências. Salvo a intenção didático-pedagógica da obra *Emílio* (2004) de Rousseau, apresentada como metáfora de educação que vê a criança tal como ela é, pode-se dizer que o estágio em que a personagem de "Campo geral" se encontra é o chamado período da idade da natureza, entre 2 e 12 anos (*puer*), descrito no Livro II.

É o período considerado segundo estado da infância, quando a criança substitui o choro e os gritos pela fala para expressar suas necessidades. Nesse período, destacam-se a força e a liberdade, condições privilegiadas para a autonomia da criança e para a tomada de consciência de si, isto é, para a descoberta da individualidade que a torna capaz de viver em sociedade e amar, pois desenvolveu sua potencialidade natural. Vê-se, na obra de Rousseau, o simulacro de ações plausíveis do adulto, preceptor ou educador que possam despertar, naturalmente, e não inibir, a capacidade do ser humano de se desenvolver sem corromper a bondade inata.

A obra *Emílio* (2004) ganha destaque nos estudos sobre romance de formação já que trata, explicitamente, da intenção do narrador de acompanhar os passos de amadurecimento de uma personagem, apesar de seu teor normativo. Anterior à obra de Goethe *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* de 1795-1796, *Emílio* de 1762 difundiu pressupostos que se integraram a várias obras publicadas no período com o intuito de apresentar projeto pedagógico fundamentado em concepções iluministas, como assinala Wilma Patricia Marzari Dinardo Maas:

Reconhecem-se [...] os ecos que a obra de Jean-Jacques Rousseau, *Emílio* ou Da educação, de 1762, irradiava por toda a Europa. Constitui-se uma tradição de obras educativas, nas quais a figura masculina do preceptor ou do mentor é responsável pela formação da personalidade e do intelecto do jovem. De início, trata-se de obras produzidas com uma intenção e destinação claramente pedagógicas, nas quais o caráter ficcional é mero veículo para a transmissão de ensinamentos que visavam, ao lado do desenvolvimento do raciocínio lógico, à estabilidade social e mesmo ao estabelecimento do *status* econômico (MAAS, 2000, p. 28-29).

Na visão pedagógica, a escolha de Rousseau do gênero ficcional para exposição dos pressupostos

é um artifício lógico-dedutivo para meditar sobre educação e sobre as orientações do ensino. Rousseau constrói a temporalidade da vida do Emílio como uma ficção; jamais se teria proposto a aplicá-la. Por decorrência, todo o teor normativo da obra deverá ser palmilhado mediante ponderações da razão, como se de uma metáfora se tratasse. Emílio não é história do passado; não é projeto de futuro. Emílio é alegoria para reflexão sobre o ato de educar as crianças. Não tem história; mas, por ocupar-se da virtude, tem compromisso com alguma verdade: verdade da essência; verdade universal; verdade contida na acepção primeira da condição de Humanidade (BOTO, 2007, p. 2).

A trajetória do menino possui significados em dois planos; no vertical, uma profunda sondagem do mundo infantil, dúvidas, medos e incertezas na aquisição do conhecimento. O excepcional ponto de vista da criança, focalizada internamente, coloca à disposição do leitor uma perspectiva privilegiada para descobrir junto com Miguilim a dor e a grandeza da aventura de cada descoberta:

De fato, ao leitor que se aventura pela primeira vez na narrativa não passa despercebido o tom particularmente infantil que sobressai nas observações minuciosas sobre plantas, aves e animais, em detalhes de cor, aroma, textura e forma, bem como o modo precário, cheio de dúvidas e temores com que se apreendem as tensões e dificuldades que povoam o mundo dos adultos (FARIA, 2003, p. 50).

À limitação do entendimento, apontada por Elisabete B. Faria, une-se a complexidade de construção da personagem Miguilim e sua postura filosófica diante da vida. As indagações em torno dos acontecimentos que o cercam, a busca por respostas para questões profundas, elaboradas a partir da observação de fatos do cotidiano, o enfrentamento de seus medos, deixam transparecer seu percurso de formação.

Nesse sentido, suas indagações percorrem os caminhos da modernidade, compondo traços do herói romanesco, em formação e tentando unir pedaços da existência descontínua. Tentar encontrar os fios que atam a particularidade de cada descoberta, procurando, desde muito cedo, entender o sentido da existência parece ser a busca do protagonista, esclarecida pelo narrador: "No começo de tudo, tinha um erro – Miguilim conhecia, pouco entendendo. [...]" (ROSA, 1976, p. 7).

"Campo geral" está no limiar do romance e da poesia, ao mostrar a trajetória de um herói em conflito com a realidade e que tende a transfigurá-la pela palavra. O fato de o herói não ultrapassar a fase da infância torna os limites entre os gêneros ainda mais

tênuas, já que, de um lado, os conflitos do mundo adulto não podem ser expostos completamente, pois ele ainda está em formação, distanciando-o de um perfil plenamente adequado ao do herói romanesco; de outro, o discurso lírico poético do narrador ultrapassa a forma do romance, ao explorar, conscientemente, as potencialidades da língua com função poética.

Na tentativa de reorganizar as imagens em caleidoscópio, de um lado, a diegese se constrói na aprendizagem do menino feita sob incertas impressões e, de outro, o discurso do narrador descreve um microcosmos expandido em grande densidade poética:

Da viagem, em que vieram para o Mutum, muitos quadros cabiam certos na memória. A mãe, ele e os irmãozinhos, num carro-de-bois com toldo de couro e esteira de buriti, cheio de trouxas, sacos, tanta coisa – ali a gente brincava de esconder. Vez em quando, comiam, de sal, ou cocadas de buriti, doce de leite, queijo descascado. Um dos irmãos, mal lembrava qual, tomava leite de cabra, por isso a cabrita branca vinha, caminhando, presa por um cambão à traseira do carro. Os cabritinhos viajavam dentro, junto com a gente, berravam pela mãe deles, toda a vida. A coitada da cabrita – então ela por fim não ficava cansada? – "A bem, está com os peitos cheios, de derramar..." – alguém falava. Mas, então, pobrezinhos de todos, queriam deixar o leite dela ir judiado derramando no caminho, nas pedras, nas poeiras? O pai estava a cavalo, ladeante. Tio Terêz devia de ter vindo também, mas disso Miguilim não se lembrava. Cruzaram com um ror de bois, embrabecidos: a boiada! E passaram por muitos lugares (ROSA, 1976, p. 8).

Aprisionada na lembrança, a imagem da mudança tem como protagonista a cabrita, seus cabritinhos e o leite derramado sobre as pedras. Por trás dos traços que compõem esse quadro, há um olhar único e solidário à situação de sofrimento do animal, mas incapaz, dada à sua ingenuidade, de associar essa penúria à de sua família. À proporção que se perde, na narrativa, o traço da ingenuidade infantil desse olhar, forma-se o quadro mais próximo das dores do sertão, por exemplo, nas contradições de bom ou mau, bonito ou feio:

A impossibilidade de aceitar as contradições é limitação – pobreza – superada pela sabedoria interiorizada na situação final do conto "Campo Geral" e que decorre não apenas de uma competência interior mas, também, da aquisição de uma potencialidade prática, resultante de enfrentamento no plano exterior (SCHWARZ, 1983, p. 171).

O enfrentamento no plano exterior para aquisição de tal potencialidade realiza-se, em linha horizontal, marcado por dois momentos fundamentais no deslocamento

espacial de Miguilim: na abertura da narrativa, sua ida ao Sucuriçu para ser crismado ou iniciado, pois a "[...] primeira viagem de Miguilim marca o início, o primeiro passo de sua iniciação [...]", como mostra o estudo de Maria Heloísa Noronha de Barros (1996, p. 15), *Miguilim e Manuelzão*: viagem para o ser e, no final, quando o menino deixa o Mutum com o médico, após dele receber a capacidade de melhor enxergar o mundo. Esse ciclo de aprendizagem é marcado por momentos fundamentais de amadurecimento: ao perder a cachorra Pingo-de-ouro, refletir sobre a entrega do bilhete do tio à mãe, quebrar os brinquedos, enfrentar o pai, perder o irmão Dito. Este último é o acontecimento central para o processo de aprendizagem de Miguilim:

O ponto de referência, o episódio central, é a narração da doença e morte do Dito. Esta narração é o ponto central em torno do qual os outros episódios se organizam; centro porque é o ponto alto, o ápice da narrativa, e também centro no sentido literal, situa-se no meio exato da novela. A narração da doença e morte do Dito divide a novela em duas partes iguais. Cada episódio narrado na primeira parte tem um correspondente equivalente na segunda parte. Equivalentes mas não iguais, os acontecimentos da segunda parte são mais trágicos do que seus correspondentes. É como se, com o desaparecimento do Dito, o equilíbrio da vida ficasse prejudicado. O Dito é confundido por Miguilim com ele mesmo. Por isto, a morte do dito é, para Miguilim, como enfrentar sua própria morte. É a perda maior. É a morte iniciática. Todas as perdas anteriores se juntam aí, e Miguilim toma contacto com a própria finitude humana (BARROS, 1996, p. 16-17).

Entre a primeira viagem, que abre a narrativa, e a segunda, no encerramento, desenvolvem-se as etapas de formação do protagonista – das perdas de pessoas queridas até o afastamento da casa paterna - em seu processo de descobertas e orientação no mundo que permite a aproximação com pontos conteudísticos do romance de formação, em que o protagonista “[...] percorre não uma seqüência mais ou menos aleatória de aventuras, mas sim um processo de autodescobrimento e de orientação no mundo” (JACOBS, 1989, p. 37 apud MAAS, 2000, p. 62).

Reitera-se que não se pretende considerar a obra representante do gênero do romance de formação, mas mostrar, dado seu percurso temático e de conteúdo, pontos de contato com essa forma literária. O fato de não se tratar de narrador-protagonista é um dos pontos de afastamento do gênero, além de a personagem não passar do estágio da infância em seu processo de aprendizagem.

1 Aprendizado e desprendimento de Miguilim

Introduzida nos moldes de narradores hábeis em contar histórias provenientes da tradição oral, a narrativa prende o leitor, desde o primeiro parágrafo, pela atmosfera aparentemente familiar de outras conhecidas com moldura semelhante: lugares distantes, um menino e sua família, a mãe linda, quase uma princesa à espera de salvação. Essa atmosfera provoca no leitor a expectativa de encontrar personagens circundadas de encantamento, aventuras, provas e conquistas de objetivos grandiosos. Parcialmente, a expectativa do leitor será satisfeita com a adaptação dessa estrutura ao mundo sertanejo: os encantamentos podem ser encontrados nas rezas de Vó Izidra e nas feitiçarias de Mãitina; o cotidiano de Miguilim, observado a partir do universo infantil, propõe-lhe o caminho de herói, já que ele tenta vencer cada obstáculo da jornada: proteger a mãe da violência paterna, passar pelas provas impostas pelo pai, perder o grande amigo e irmão Dito, vencer o medo da morte a cada dia, que parece tornar-se o maior inimigo na sua trajetória.

Próximo à natureza e, ao mesmo tempo, em contato familiar e social pouco favorável ao desenvolvimento de suas aptidões, Miguilim consegue desprender-se daquele mundo, levando consigo partes de cada um em seu aprendizado que podem auxiliá-lo em sua jornada de adulto. Trata-se do percurso de aprendizagem retratado na infância verdadeira, sem as condições favoráveis idealizadas por Rousseau, como sintetiza Lauwe (1991, p. 156) em vista das análises de obras francesas:

Destas constatações e dos três capítulos anteriores, destacam-se dois fatos dominantes. Por um lado, a infância verdadeira é percebida não como "boa", à maneira de Rousseau, mas como uma humanidade autêntica, como um universo interessante, rico mas misterioso e, por vezes, cruel, fora das leis. Por outro lado, uma agressividade transparece, mais ou menos abertamente, contra o mundo dos adultos, que arranca à infância sua felicidade, sua verdade, e congela todas as novas possibilidades prestes a nascer LAUWE (1991, p. 156).

Às dúvidas frequentes do protagonista, verbalizadas ou não, seguem-se movimentos de aceitação ou de recusa de valores contraditórios expressos naquele espaço de pobreza do sertão que condensa a ordem e a transgressão.

Assim, se por um lado a pobreza seria principalmente representada, na narrativa guimaraniana, como a limitação que separa o bom do mau, o bonito do feio, o mítico do prático; e a riqueza como a inclusão desses pólos, por outro

lado verificamos que a sabedoria equivalente a essa compreensão (que implica o abandono da inconformação diante das contradições) deve, simbolicamente, ser adquirida através de um esforço "comprado a todos custos", como diria Riobaldo (ALVIM apud SCHWARZ, 1983, p. 171).

Observador e ouvinte atento, em seu percurso, Miguilim mantém contato com as imagens de preservação da ordem social e da transgressão dos limites por ela impostos que aderem às ações das personagens, tornando-os representantes de forças antagônicas. No trânsito entre esses limites, aparece Dito, irmão e melhor amigo, para conduzi-lo pelo caminho da sabedoria, da visão esclarecida (menos míope, para utilizar a grande metáfora da obra) até a passagem final da saída do Mutum, a saída para a trajetória individual.

Longe da proteção do cotidiano, situação metaforicamente representada pela viagem, Miguilim se sente desabrigado, descobre que existe fora de seu mundinho e que não se confunde com ele. Descobre-se solto num mundo infamiliar e inóspito. Descobre sua própria existência individual, a si mesmo como existência independente, como possibilidade de liberdade (BARROS, 1996, p. 22).

O amadurecimento de Miguilim, para Barros (1996, p. 26), é construído com as personagens centrais que povoam o enredo aos pares: Miguilim e Dito, Mãe e Vó Izidra, Tio Terêz e Pai e que farão parte das etapas de conhecimento-visão da realidade dos pais, conhecimento-visão de si mesmo, conhecimento do mundo. Episódio central, a morte de Dito, leva o protagonista a conhecer a finitude e o tempo:

Através destas vivências de perda e morte, Miguilim descobre o tempo e a memória. Descobre-se como finitude, *ser-para-a-morte* e, através da memória do Dito, descobre-se a si mesmo e integra seu lado masculino. No final, a divisão de Miguilim em dois não existe mais, ele está inteiro. Através da memória incorporou o Dito, e através do Dito o pai. Através das experiências de perda, Miguilim ganha a si mesmo, se encontra (BARROS, 1996, p. 30).

Sobre a importância de Dito para o aprendizado da personagem Miguilim, em sua trajetória de reconhecimento do outro e de si mesmo, Paulo César Carneiro Lopes (2000, p. 197-198) considera-o revelação, iluminação, representante da palavra silenciada da cultura popular, que é capaz de elaborar a sabedoria a partir de seu mundo. Sábio, amoroso, bondoso e atencioso com Miguilim, oferece-lhe condições para transitar livremente entre o mundo dos adultos. Ao analisar em seu trabalho as respostas das

personagens centrais às perguntas de Miguilim sobre o sentido da vida, a resposta do Dito

[...] ao contrário das do Pai, da Mãe e do Doutor, não aparece como uma resposta pronta, acabada, que de fora para dentro, é entregue a Miguilim. Ela se dá e se constrói na relação. Ela é resultado do diálogo constante entre os dois. A visão de mundo de Miguilim, o que ele pensa sobre o mundo, sobre Deus, sobre religião, sobre as relações entre as pessoas, sobre a vida enfim, vai se modificando à medida que ele age e pensa o seu agir, e este seu pensar se dá sempre através do diálogo com o Dito, até depois da morte deste (LOPES, 2000, p. 197-198).

As respostas dadas ao protagonista variam de acordo com o ângulo de visão de cada um dos familiares. Do Pai saem respostas baseadas na sociedade patriarcal e nas leis estabelecidas; da Mãe, símbolo de beleza e de amor, emana a promessa de felicidade; Vó Izidra compartilha da vigilância do Pai. Todas apontam o caminho da descoberta do amor, segundo Lopes (2000, p. 356), sobretudo Dito, pois com o irmão, na ciranda do conhecimento, "[...] aprendeu a aprender, aprendeu a abrir-se para a revelação do outro que, como cifra, aponta para a revelação do Grande Outro, do Absolutamente Outro que, por puro amor, se autocomunica à sua criação." As demais personagens, tanto para o estudo de Barros, quanto para Lopes, posicionam-se ao redor das centrais, compartilhando de sua visão de mundo.

Visão de mundo contraditória, superada pelo protagonista no plano espiritual e individual, quando se empenha na busca para descobrir onde estava o erro no mundo da ordem que se impõe:

Subjacente à narrativa, e correspondendo aos termos opostos indicados, existe um conteúdo axiológico em tensão: de um lado, a submissão a uma Ordem que impõe a exclusão entre o Mítico e o Prático e que implica o utilitarismo, o rigor, a vigilância, a agressão, a nostalgia do mítico, a tristeza, o medo. Assim, simbolicamente, encontramos na narrativa guimaraniana, de modo inclusivo, a aceitação da Ordem estabelecida (que implica a pobreza material e espiritual) e a negação dessa Ordem, sabedoria indissolúvelmente aliada à aquisição de competência para as lutas de caráter espiritual e material. (ALVIM, 1983, p. 170-174).

Entende-se, neste trabalho, que a jornada de aprendizado dos limites do outro e dos valores que representam é menos de adesão – ou não – a esses valores do que de desprendimento.

Nesse sentido, a narrativa pode ser aproximada à outra: "O recado do morro" (1976). Pedro Orósio, peregrino, busca pelo cerne da existência na natureza, nas reminiscências dos Gerais, distante das marcas da organização social. Acompanha (e se desprende) de um grupo que parece representar a organização social em seus diversos aspectos (religioso, científico e material). Na caminhada, encontra outras personagens que apresentam poucos traços das regras de convívio social. O protagonista atinge a sabedoria e alcança a transcendência reveladora, ao vencer a morte e o tempo por meio das personagens que representam a "desordem". Guimarães Rosa, em carta a Edoardo Bizarri, comenta a condensação de temas, em "Campo geral" (1976), abordados em outras narrativas de *Corpo de Baile* (antes da tripartição):

A primeira estória, tenho a impressão, contém, em germes, os motivos e temas de todas as outras, de algum modo. Por isso é que lhe dei o título de "*Campo Geral*" – explorando uma ambigüidade fecunda. Como lugar, ou cenário, jamais se diz *um campo geral* ou *o campo geral*, *este campo geral*; no singular, a expressão não existe. Só no plural: "*os gerais*", "*os campos gerais*". Usando, então, o singular, eu desviei o sentido para o simbólico: o de *plano geral* (do livro). (ROSA, 2003, p. 91).

De um lado, o protagonista conhece com Pai, Vó Izidra, Seo Deográcias a representação da ordem, do conhecimento baseado no exercício pragmático do saber: o pai (Nhô Berno) preocupa-se com o sustento da família, consciente da pobreza e das dificuldades de sobrevivência no sertão – "Como o pai ficava furioso: até quase chorava de raiva! Exclamava que ele era pobre, em ponto de virar miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as terras ali não eram dele [...]". (ROSA, 1976, p. 37). À avó cabe a responsabilidade de zelar pela tradição, seja pela preservação da moralidade (ao expulsar tio Terêz, suposto amante da mãe), seja pelo exercício da fé cristã (ao rezar fervorosamente); Seo Deográcias incumbe-se de dar remédios aos doentes, mesmo viajando longas distâncias. De outro lado, estabelecem-se personagens que transgridem as regras: a Mãe sonha em sair do Mutum, ao que tudo indica, vive romances extra-conjugais (com Tio Terêz e Luisaltino); Mãitina, de origem africana, conhece feitiços e mal consegue se comunicar com os demais membros da família; seo Aristeu aconselha remédios, canta e toca viola, esbanjando risos "'Ele é um homem bonito e alto...' - dizia Mãe. - 'Ele toca uma viola...'" - Mas do demo que a ele ensina, o curvo, de formar profecia das coisas...' - Vovó Izidra reprovava". (ROSA, 1976, p. 29)

O desapego ou desprendimento do núcleo familiar acontece em etapas. Antes da morte do Dito, episódio central, ocorre a preparação do protagonista pelo enfrentamento da ameaça de sua própria morte, três vezes. A primeira, quando engasga com um osso de galinha; a segunda, quando interpreta mal a consulta de seu Deogracias e a terceira, ao contrair sarampo, após a morte de Dito. Liberta-se das ameaças transformado e mais experiente para a vida. Após a morte do irmão, procura os adultos para tentar compreender o que aconteceu e, em pouco tempo, percebe que, sozinho, deve chegar ao entendimento do fato. Em seguida, a morte do pai, a partida de Vó Izidra e a volta de tio Terêz reorganizam o caos instaurado, mas Miguilim não mais pertence àquele lugar. Desprendido, maduro, pronto para a partida, afasta-se da família para a jornada individual.

A primeira etapa dessa jornada de desprendimento consiste em adentrar o espaço dos adultos e tentar compreender seus valores. À proporção que os compreende, com a ajuda do irmão, faz suas escolhas.

As portas do trabalho aproximam-no do pai, num primeiro momento, feliz em poder ajudá-lo, após a segunda ameaça de morte: "Miguilim queria ajudar, trabalhar também. Mas, muito em antes queria trabalhar, mais que todos, e não morrer, como quem sabe ia ser, e ninguém não sabia." (ROSA, 1976, p. 37). Ao descobrir que não iria morrer, ele é incumbido de levar almoço para o pai e passa a enxergá-lo com ternura:

O pai estava lá, capinando, um sol batia na enxada, relumiava. Pai estava suado, gostava de ver Miguilim chegando com a comida do almoço. Tudo estava direitinho, Pai não ralhava. Se sentava no toco, para principiar comer. Miguilim sentava perto, no capim. Gostava do Pai, gostava até pelo barulhinho d'ele comendo o de-comer (ROSA, 1976, p. 47).

O trabalho perde o sentido com a morte do Dito e, junto dessa perda, desmorona o mundo do pai, que o percebe incapaz de trabalhar na roça, graças à miopia:

Pai encabou uma enxada pequena. - "Amanhã, amanhã, este menino vai ajudar, na roça." Nem triste nem alegre, lá foi Miguilim, de manhã, junto com Pai e Luisaltino. - "Teu eito é aqui. Capina".
[...] (ROSA, 1976, p. 83)

Vinha com uma coisa fechada na mão. - "Que é isso, menino, que você está escondendo?" " -É a joaninha, Pai." " -"Que joaninha?" Era o besourinho bonito, pingadinho de vermelho. " -"Já se viu?! Tu há de ficar toda-a-vida bobo, ô panasco?!" -o Pai arreliou. E no mais ralhava sempre, porque Miguilim não enxergava onde pisasse, vivia escorregando e tropeçando, esbarrando, quase caindo nos buracos: - "Pitosga..." (ROSA, 1976, p. 83-84)

[...]

"Vigia, Miguilim: ali!" Miguilim olhou e não respondeu. Não estava vendo. Era uma plantação brotando da terra, lá adiante; mas direito ele não estava enxergando. Pai calou a boca, muitas vezes. Mas, de noite, em casa, mesmo na frente de Miguilim, Pai disse a Mãe que ele não prestava, que menino bom era o Dito, que Deus tinha levado para si, era muito melhor tivesse levado Miguilim em vez d'ó Dito. (ROSA, 1976, p. 85)

Em seguida, a destruição simbólica da infância acontece graças à briga com o irmão mais velho Liovaldo, morador distante do Mutum, com o intuito de defender o amigo Grivo. O pai dá-lhe uma surra e, ao enfrentá-lo pela segunda vez – na primeira, tenta defender a mãe em briga com o pai, logo no início da narrativa – parece sentir-se forte e livre até mesmo para odiá-lo: "Batia, mas Miguilim não chorava. Não chorava, porque estava com um pensamento: quando crescesse, matava Pai. [...]" (ROSA, 1976, p. 89). "[...] 'Pai é homem jagunço de mau. Pai não presta.' Foi o que ele disse, com todo desprezo." (ROSA, 1976, p. 90).

Sai de casa em viagem com vaqueiro Jé por uns dias e sente, pela primeira vez, a sensação de desapego familiar:

Naqueles três dias, Miguilim desprezou qualquer saudade. Ele não queria gostar mais de pessoa nenhuma de casa, afora Mãitina e a Rosa. Só podia apreciar os outros, os estranhos; dos parentes, precisava de ter um enfaro de todos, juntos, todos pertencidos (ROSA, 1976, p. 92).

Na volta, não cumprimenta o pai o que lhe resulta na expulsão dos passarinhos das gaiolas e quebra de cada uma. Irado, Miguilim completa a destruição, quebrando seus brinquedos. Está, assim, concluída a passagem pela infância, caminho da liberdade e do desejo de sair dali "[...] pelo pensamento forte que formou: o de uma vez poder ir também embora de casa. Não sabia quando nem como. Mas a idéia o suspendia, como um trom de consolo." (ROSA, 1976, p. 94), pouco antes da terceira ameaça de morte.

Com a mãe conhece a necessidade de desligar-se do Mutum e ver além, pela evasão, pela imaginação, pelos sonhos. Feliz, ao trazer a notícia de que alguém havia falado da beleza do Mutum, anseia para dizer isso à mãe que "[...] mirou triste e apontou o morro; dizia: - 'Estou sempre pensando que lá por detrás dele acontecem outras coisas, que o morro está tapando de mim, e que eu nunca hei de poder ver...'" (ROSA, 1976, p.

6). Mesmo de castigo, depois da primeira briga com o pai, sofre ao ouvir o choro da mãe e se esconde por trás de imagens de consolo, em seus devaneios:

A mãe suspirava soluçosa, era um chorinho sem verdade, aborrecido, se ele pudesse estava voltando para a horta, não ouvia aquilo sempre assim, via as formiguinhas entrando e saindo e trançando, os caramujinhos rodeando as folhas, no sol e na sombra, por onde rojavam sobrava aquele rastrío branco, que brilhava (ROSA, 1976, p. 13).

Diferentemente de “Conversa de bois” em que a personagem cultiva raiva da mãe. A figura emblemática da mãe é pouco mencionada nos estudos rosianos, como aponta Cleusa Rios P. Passos:

Tema pouco lembrado pela crítica, porque presença discreta no conjunto da obra de Guimarães Rosa, a maternidade alcança contornos literários comoventes, sugestivos de aguda sensibilidade do autor ante sentimentos mais específicos do universo feminino. 'Sinhá-Secada' e 'A benfazeja' constituem contos exemplares dos afetos maternos aí resgatados, porquanto trazem à luz a pungente fidelidade à lembrança do filho perdido e a extrema e conflitante abnegação da mãe adotiva, opondo-se, em parte, às novelas 'Lélio e Lina' e 'Manuelzão', nas quais ou a função materna não se impõe como barreira à feminilidade ou se revela mais prazerosa (PASSOS, 2000, p. 91).

Vale assinalar que, na maioria das narrativas em que aparecem as personagens infantis, a mãe ocupa papel fundamental no percurso de formação: protetora em "Partida do audaz navegante", pecadora em *Sagarana* e terna em "Campo geral".

Miguilim nutre profundo amor pela sua, embora se recuse a participar do relacionamento entre ela e o tio, quando se nega a entregar o bilhete. Vencida a terceira ameaça de morte e após a morte do pai – "[...] Despertava exato, dava um recomeço de tudo [...]" (ROSA, 1976, p. 98) – não se importa com a união dos dois, iniciando a etapa final:

"Se daqui a uns meses sua mãe se casar com o Tio Terêz, Miguilim, isso é de teu gosto?" –Mãe indagava. Miguilim não se importava, aquilo tudo era bobagens. Todo mundo era meio um pouco bobo. Quando ele ficasse forte são de todo, ia ter de trabalhar com o Tio Terêz na roça? Gostava mais de ofício de vaqueiro. Se o Dito em casa ainda estivesse, o que era que o Dito achava? O Dito dizia que o certo era a gente estar sempre brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, alegre, alegre nas profundas. Podia? Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma (ROSA, 1976, p. 100).

Ciente de suas escolhas e apto a deixar a casa da família, Miguilim, indiferente à nova organização, pode rejeitar a presença do outro e traçar o destino individual.

Aprendizado que recebe a valiosa contribuição do irmão Dito, mencionado em outros momentos, que promove debate constante com o irmão, visto que dividem o mesmo espaço no mundo da infância. A comunicação entre ambos é marcada por questionamentos sobre o que acontece na casa, entre os adultos.

O Dito, menor, muito mais menino, e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. Ele, Miguilim, mesmo quando sabia, espiava na dúvida, achava que podia ser errado. Até as coisas que ele pensava, precisava de contar ao Dito, para o Dito reproduzir, com aquela força séria, confirmada, para então ele acreditar mesmo que era verdade (ROSA, 1976, p. 60).

Aprende, com o irmão, a observar com serenidade as situações, visto que Dito, adiantado em suas avaliações sabe dissimular no mundo dos adultos, espantando os medos e cultivando, inclusive, ambições que apontam adesão aos valores de crescimento material. Nesse sentido, Miguilim conserva traços da criança idealizada, cuja socialização imposta aparece mais como fonte de sofrimento do que de enriquecimento e seu aprendizado se dá em outro nível, próximo à natureza, ficando ausente desse mundo adulto em muitos momentos:

A criança idealizada apresenta características psicológicas que denotam, antes de mais nada, uma autenticidade e uma verdade totais. Livre, pura e inocente, sem laços nem limites, está totalmente presente no tempo, na natureza. Ela se comunica diretamente com os seres e as coisas, compreendendo-os a partir de seu interior. Sincera, exigente e absoluta em relação à verdade ou a seus próprios comportamentos e aos de outrem, tem uma lógica implacável. Diferente do adulto, permanece secreta e não se liberta, seja porque não quer ou porque não pode. Por vezes se mostra ausente, indiferente ou afastada da realidade, por vezes é receptiva e sensível, estes dois traços coexistindo em algumas personagens (CHOMBART-DE-LAUWE, 1991, p. 30).

Enquanto Miguilim ouve e tenta formar posições ante o comportamento dos adultos, o irmão, apesar de mais novo, conhece as forças sociais e humanas, compreende-as e parece sentir-se pronto para assumir o lugar do pai, integrado ao Mutum:

Mas, de noite, no canto da cama, o Dito formava a resposta: - "O ruim tem raiva do bom e do ruim. O bom tem pena do ruim e do bom... Assim está certo." "- E os outros, Dito, a gente mesmo?" O Dito não sabia. - "Só se quem é bronco carece de ter raiva de quem não é bronco; eles acham que é moleza, não gostam... Eles têm medo que aquilo pegue e amoleça neles mesmos - com bondades..." " - E a gente, Dito? A gente?" "- A gente cresce, uai. O mole judiado vai ficando forte, mas muito mais forte! Trastempo, o bruto vai ficando mole, mole..." Miguilim tinha trazido a mula de cristal, que acertava no machucado da

mão, debaixo das cobertas. "- Dito, você gosta de Pai, de verdade?" "- Eu gosto de todos. Por isso é que eu quero não morrer e crescer, tomar conta do Mutum, criar um gadão enorme." (ROSA, 1976, p. 70).

Ao contrário do irmão, que analisa situações e consegue estabelecer opiniões rápidas sobre os adultos, Miguilim oscila e se engana. Uma das características do romance de formação, segundo Wilma Patrícia Maas (2000, p. 62), citando Jacobs, é que "[...] a imagem que o protagonista tem do objetivo de sua trajetória de vida é, em regra, determinada por enganos de avaliações equivocadas, devendo ser corrigidas apenas no transcorrer de seu desenvolvimento."

De Tio Terêz, por exemplo, conserva inicialmente a amizade, ainda que ele tenha sido expulso da casa, contrariando a opinião de Dito:

- "Dito, eu fiz promessa, para Pai e Tio Terêz voltarem quando passar a chuva, e não brigarem, nunca mais..." "- Pai volta. Tio Terêz volta não." "- Como é que você sabe, Dito?" "- Sei não. Eu sei. Miguilim, você gosta do Tio Terêz, mas eu não gosto. É pecado?" "- É, mas eu não sei." (ROSA, 1976, p. 22).

Ao ver-se em dúvida sobre a entrega do bilhete, Miguilim desconfia da amizade que deve ter pelo tio. Avaliando Luisaltino, Dito pressente problemas, baseado em observações lógicas; Miguilim, entretanto, não consegue ver indícios reais, a não ser pelas ligações intuitivas e avisos premonitórios: "Esse Luisaltino aceitou água para beber; mas primeiro bochechou, com um gole, e botou fora. Será que tinha facão? Miguilim espiou aberto para o Dito: do fim da conversa de seo Aristeu se lembrava." (ROSA, 1976, p. 61).

Dito constitui imagem paradoxal para o irmão, uma vez que representa o percurso pleno no mundo dos adultos – anseio primeiro de Miguilim, ao procurar entendê-los e aderir aos seus valores – e o desligamento total pelo viés mais temido: o caminho da morte. Tem-se a impressão de que Miguilim vê, como num espelho, a trajetória humana de conhecimento e experiência (vida e morte) refletida em Dito. Reserva na memória a imagem do irmão e consegue protegê-la em outro mundo, da reminiscência, depois de um ritual de despedida com a ajuda de Mãitina, agora sua amiga:

Depois ele conversou com Mãitina. Mãitina era uma mulher muito imaginada, muito de constâncias. Ela prezava a bondade do Dito, ensinou que ele vinha em sonhos, acenava para a gente, aceitava louvor. [...] O que eles dois fizeram, foi ela quem primeiro pensou. Escondido, escolheram um recanto, debaixo do jenipapeiro, ali abriram um buraco, cova pequena. [...] Tudo se enterrou, reunido com as coisinhas do Dito (ROSA, 1976, p. 81).

Inicia-se, a partir desse dia, o desenredar-se do núcleo familiar até a chegada do doutor, de cujas mãos saem a luz e a nova vida: "- Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar. Vai. Fim do ano, a gente puder, faz a viagem também. Um dia todos se encontram..." (ROSA, 1976, p. 102).

Considerações finais

O protagonista, ao final do romance, mostra ter adquirido a capacidade de ver mais longe, metaforicamente representada pelos óculos. As experiências e os acontecimentos marcam seu processo de aprendizagem, moldando seu caráter a caminho da maturidade e de uma nova vida. De suas indagações subjetivas iniciais, à procura de resposta para o erro sensivelmente percebido, Miguilim parece reconciliar-se com o mundo concreto, que permite aproximá-lo ainda mais dos heróis dos romances de formação:

Narrativa de uma subjectividade, o *Bildungsroman* é também afirmação de um compromisso com o social que acaba por vencer, deixando o protagonista reconciliado com o mundo concreto. Ao longo da obra surge perante o leitor uma perspectiva narrativa distanciada, assinalando a disparidade entre os objetivos do protagonista e os resultados alcançados; o narrador, já "formado", assume [...] a posição de quem sabe mais e vê mais longe, não permitindo ao leitor qualquer equívoco acerca da imaturidade do protagonista (CEIA, 2005, p. 3-4).

Na reminiscência da infância, funda-se o resgate do conhecimento do presente e de si mesmo, relembando passagens, mesmo fragmentadas, trazendo à tona as histórias que podem (re)constituí-lo.

A *reminiscência* funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si (BENJAMIN, 1996, p. 211).

Resta-lhe, apenas, o refúgio na outra vida, na infância e na arte, no núcleo da memória, da psique humana:

A nosso ver, é nas lembranças dessa solidão cósmica que devemos encontrar o núcleo de infância que permanece no centro da psique humana. É aí que se unem mais intimamente a imaginação e a memória. É que o ser da infância liga o real ao imaginário, vivendo com toda a imaginação as imagens da realidade. E todas essas imagens de sua solidão cósmica reagem em profundidade no ser da criança; apartado de seu ser para os homens, cria-se, sob a inspiração do mundo, um ser para o mundo. Eis o ser da infância cósmica (BACHELARD, 2001, p. 103).

Sob esse prisma, a infância é vista como retomada do ser puro, da origem do próprio homem, ainda não deformado pela sociedade, resgatando-se a visão de Rousseau. A criança se encontra aberta às diferenças, sem preconceitos ou barreiras para conhecer a si mesmo ou o outro.

Do trabalho braçal para o estudo formal longe do Mutum, o herói Miguilim, desligando-se da família com o intuito de seguir em sua jornada, leva a experiência do medo, da traição, do ódio, da violência, da morte; do amor, da amizade, da beleza, da poesia, da vida... tudo misturadamente... "Nem sabia o que era alegria e tristeza." (ROSA, 1976, p. 103). Leva consigo o saber da essência humana, do "homem humano".

Referências

ALVIM, Clara de Andrade. Representações da pobreza e da riqueza em Guimarães Rosa. In: SCHWARZ, Roberto. (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 170-174.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARROS, Maria Heloísa Noronha. *Miguilim e Manuelzão viagem para o ser: (um estudo de dois contos de Guimarães Rosa)*. Belo Horizonte: Valci, 1996.

BOTO, Carlota. [s.d.] *O Emílio como categoria operatória do pensamento rousseauiano*. Disponível em <http://www.ufpel.tche.br/gt17/Tr06_Boto.rtf>. Acesso em 10 mar. 2007.

CHOMBART-DE-LAUWE. Marie-José. *Um outro mundo: a infância*. Trad. Noemi Kon. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1991.

FARIA, Elisabete Brockelmann de. *A narrativa lírico-poética de "Campo geral"*. 2003. 135f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Araraquara, 2003.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. Trad. Paulo Osório de Castro. Prefácio, notas e tradução das canções de João Barrento. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e literatura*. São Paulo: Hucitec; Ed. UNESP, 1987. (Linguagem e cultura).

LOPES, Paulo César Carneiro. *Dialética da iluminação: a revelação como capacidade de escuta do outro – leitura de "Campo geral", de João Guimarães Rosa*. 2000. 357 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Ed.UNESP, 2000.

MARQUES, José Oscar de Almeida. Rousseau e os perigos da leitura, ou por que Emílio não deve ler as fábulas. *Itinerários*, Araraquara, n. 22, p. 205-216, 2004.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. *Guimarães Rosa: do feminino e suas estórias*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2000.

ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim: (Corpo de Baile)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

ROSA, João Guimarães. *Noites do Sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

ROSA, João Guimarães. *No Urubuquaquá, no Pinhém: (Corpo de Baile)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Ensaio sobre a origem das línguas. In:_____. *Rousseau: vida e obra*. Trad. Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Hucitec, 1986.

SCHWARZ, Roberto. "Grande-Sertão": a fala. In:_____. *A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 37-41. (Literatura e Teoria Literária, 37).

Recebido em agosto de 2013.

Aceito em dezembro de 2013.